

# ÉTICA, ESTÉTICA, EXISTÊNCIA: UMA INTERPRETAÇÃO DE FOUCAULT A KANT (O QUE É *AUFKLÄRUNG*?)

Jefferson Martins Cassiano<sup>1</sup>

Resumo: Este artigo trata da interpretação que Foucault faz de Kant no que diz respeito à ética. Para tanto, destaca-se a relação entre a ética kantiana e a concepção de ética considerada por Foucault. Desse modo, pode-se observar em que medida a interpretação à *Aufklärung* está presente no desenvolvimento do pensamento de Foucault, o que permite considerar que a ética como estética da existência diz respeito à nossa atualidade.

Palavras-Chave: Foucault – Kant – Ética – Estética da existência – *Aufklärung*.

## Introdução

Na aula inaugural de 1983, no *Collège de France*<sup>2</sup>, Foucault apresenta duas características fundamentais do pensamento de Kant, que ao mesmo tempo determinam duas tarefas assumidas pela modernidade. Trata-se, por um lado, de uma analítica da verdade, na qual se questiona as condições de possibilidade do conhecimento verdadeiro; por outro lado, tem-se uma tradição crítica que nasce junto à questão da *Aufklärung* e que se direciona ao acontecimento da atualidade, que pode ser compreendida como uma ontologia de nós mesmos. É esta segunda característica do pensamento kantiano que Foucault anuncia estar vinculado: “é essa forma de filosofia [ontologia de nós mesmos] que, de Hegel à Escola de Frankfurt, passando por Nietzsche, Max Weber, etc., fundou uma forma de reflexão à que, é claro, eu me vinculo na medida em que posso”<sup>3</sup>. Diante dessa indicação dada por Foucault, torna-se relevante examinar como a interpretação a Kant se relaciona com o desenvolvimento do pensamento de Foucault, o que permite considerar que uma ética como estética da existência diz respeito à nossa atualidade.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia pela Universidade de Brasília (UnB), sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Cecília de Almeida. E-mail: jeffmarcas@hotmail.com; todas as traduções foram feitas pelo autor deste texto.

<sup>2</sup> FOUCAULT, *O governo de si e dos outros*, p. 03-41.

<sup>3</sup> FOUCAULT, *O governo de si e dos outros*, p. 22.

## Problematização do ‘momento kantiano’

Sabe-se que na obra *Les mots et les choses*<sup>4</sup>, Foucault apresenta uma análise histórica da produção do Saber sobre o homem pelas ciências humanas, e que, embasada no método arqueológico, encerra com o polêmico prognóstico da morte do homem. Notoriamente, tal obra não trata da tematização moral do homem moderno como o assunto principal proposto. No entanto, em uma entrevista<sup>5</sup>, o próprio autor indica a possibilidade de uma problematização da ética a partir de *Les mots et les choses*. Nesta oportuna ocasião, Foucault relata que,

Não foi tanto por se ter tido uma preocupação moral com o ser humano que se teve a ideia de conhecê-lo cientificamente, mas, ao contrário, foi por se ter construído o ser humano como objeto de um saber possível que, em seguida, desenvolveram-se todos os esquemas morais do humanismo contemporâneo<sup>6</sup>.

A produção do homem como objeto para as ciências humanas e o desenvolvimento moral do humanismo podem ser interessantes indicadores de como Foucault se relaciona com a filosofia de Kant.

Foucault atribui ao pensamento kantiano a inauguração da concepção moderna de homem à medida que apresenta suas três questões fundamentais: O que se pode saber? O que se deve fazer? O que convém esperar? Contudo, tais temas justificam sua razão de ser justamente à custa de uma última questão: O que é o homem<sup>7</sup>? Pode-se dizer que, nesse momento, Foucault se volta para uma interpretação crítica da filosofia kantiana que analisa a concepção transcendental constituinte das faculdades humanas e tem como objetivo a validação das condições para juízos *a priori*<sup>8</sup>. Foucault percebe, com isso, uma concepção de homem construída como fundamento para todo e qualquer saber, agir e acontecer que

---

<sup>4</sup> Cf. FOUCAULT, *Les mots et les choses*.

<sup>5</sup> Trata-se de uma entrevista conduzida por C. Bonnefoy no mesmo ano da publicação de *Les mots et les choses* e editada originalmente em *Arts et loisirs*, nº 38, 15-21 de junho, 1966. Cf. FOUCAULT, “O homem está Morto?”, pp. 138-44.

<sup>6</sup> FOUCAULT, “O homem está Morto?”, p. 152.

<sup>7</sup> FOUCAULT, *Les mots et les choses*, p. 352.

<sup>8</sup> Deve-se atentar que na obra *L'Archéologie du savoir*, Foucault emprega o termo *a priori* histórico, e disso convém oportunamente a distinção entre o *a priori* formal kantiano, que seria condição de validade de juízos, e o *a priori* histórico foucaultiano, que seria condição de realidade de uma determinada historicidade. Cf. FOUCAULT, *L'Archéologie du Savoir*, pp. 166-69. Compreende-se que essa acepção dada pela historicidade acompanha o ponto de vista pelo qual Foucault interpreta a *Aufklärung*, isto é, como acontecimento histórico que permite o questionamento acerca de quem é o homem da atualidade.

remete a uma analítica da verdade. As consequências observadas dessa interpretação crítica condicionam o pensamento antropocêntrico da modernidade<sup>9</sup>.

Em *O governo de si de dos outros*, curso ministrado no *Collège de France* em 1983, encontram-se os estudos em que Foucault avalia o pensamento kantiano sob a perspectiva do que pode-se designar como uma interpretação *Aufklärung*<sup>10</sup>. Kant, no opúsculo *O que é ‘Esclarecimento?’*, concebe a modernidade como a época do Esclarecimento (*Aufklärung*) e exorta seus contemporâneos à saída (*ausgang*) de um estado de menoridade no qual se encontram incapazes de fazer uso público da razão<sup>11</sup>. Ainda assim, Kant propõe uma acepção de homem que, por ser definido enquanto sujeito universal, motiva o desenvolvimento moral da humanidade na dignidade da pessoa. Nesse caso, Foucault assinala o modo como Kant realiza um novo questionamento, quer dizer, não mais propor uma fundamentação do ser racional, mas antes convocar uma atuação a toda cultura: a saída (*ausgang*) do homem do estado de menoridade do qual é o próprio culpado. Nota-se, portanto, que Kant não somente propõe o questionamento fundamental sobre o que é o homem, mas também sugere um questionamento também radical no qual o homem está convocado a atuar por si próprio na atualidade. São estas as duas interpretações sobre Kant encontradas no pensamento de Foucault de um modo geral, visando principalmente assinalar a influência de Kant para a filosofia moderna.

No entanto, essas interpretações interessam no que dizem respeito ao âmbito da ética. Segundo Foucault, para o pensamento da modernidade, não há moral possível<sup>12</sup>, pois afora as morais religiosas, apenas fica concebido como ética o epicurismo e estoicismo da antiguidade. Entretanto, há um detalhe; em uma breve nota de fim de página, e sem maiores esclarecimentos, o pensador francês comenta: “entre as duas [moral epicurista e moral estoica], o momento kantiano atua como posição intermediária: é a descoberta de que o sujeito,

---

<sup>9</sup> FOUCAULT, *Les mots et les choses*, 1966, pp.351-54.

<sup>10</sup> Opta-se por não traduzir o termo *Aufklärung* ao longo deste texto.

<sup>11</sup> KANT, “Resposta à pergunta: O que é ‘Esclarecimento?’”, 2006.

<sup>12</sup> Esta é uma passagem importante de *Les mots et les choses* (1966, pp. 338-39) da qual se observa duas considerações correlacionadas: *a*) que a *épistémé* moderna, configurada pela analítica da finitude, tem na “emergência” do homem como objeto do saber possível, a irredutível ambivalência do *cógito* (autorreflexão, intencionalidade, consciência de si) como fundamento para todo o conhecimento possível, e ao mesmo tempo, o impensado (inconsciente, sedimentado, indeterminado) como a positividade daquilo que se obtém transformado pelo atividade do *cógito*; o duplo *cógito*-impensado se torna, para a ética moderna, tanto o conteúdo quanto a forma da ação. *b*) que a modernidade não pode propor nenhuma moral, pois o pensamento antropocêntrico do séc. XIX subverteu o impensado por meio da atividade científica das ciências humanas, que pode ser entendida como uma ação de transformação que não propõe uma formulação moral. Esta análise antecipa os mecanismos de intervenção e procedimentos disciplinares como apresenta a obra de Michel Foucault: *Surveiller et punir* (Éditions Gallimard, 1975).

enquanto é um ser racional, concebe a si mesmo sua própria lei que é a lei universal”<sup>13</sup>. Nesse caso, faz-se necessário observar como Foucault compreende a moral e a ética.

### Genealogia e estrutura da subjetividade ética

Na introdução de *O uso dos prazeres*, Foucault determina os termos pelos quais diferencia moral e ética<sup>14</sup>. O termo moral contém uma ambiguidade, que tanto pode designar o i) código moral, como conjunto de valores e regras de ações propostas por intermédio de dispositivos diversos; quanto como pode significar ii) moralidade do comportamento, como a maneira pela qual se subordina aos princípios de conduta, respeita-se ou negligencia-se obrigações que se tem maior ou menor consciência. Isso forma o que pode-se chamar de sistema código-conduta. No que concerne à definição de ética, um novo elemento é acrescentado por Foucault a sua filosofia: a experiência de si mesmo (*soi*). Tal introdução versa sobre a concepção de subjetividade identificada nas experiências sobre si mesmo, sendo que a experiência constitui transformações pelas quais o sujeito moral consegue um novo modo de ser, isto é, um *êthos*. Por isto, Foucault propõe a análise da constituição do sujeito moral junto aos processos de subjetivação, que se manifestam através das práticas de si correspondentes. Desse modo, pode-se distinguir entre duas vias de vinculação aos processos de subjetivação: por uma via, sistemas código-conduta orientados por uma relação de obrigações, ao exemplo do modelo jurídico; pela outra via, uma relação ética do sujeito moral elaborado pelas práticas de si que enfatizam as técnicas e procedimentos por meio de exercícios que colocam a si mesmo como objeto a conhecer, e as práticas que permitem transformar seu *êthos*.

Cabe observar que a genealogia da subjetividade ética, isto é, a experiência de si mesmo (*soi*) concebida por Foucault, se apoia em práticas de si assumidas como princípios gerais de atitudes aos quais convém a ação moral, sem a necessidade de um sistema código-conduta, mas por meio de atitudes que individualizam a ação, modulam e singularizam as formas de subjetivação. Com isso, percebe-se que o principal critério adotado pela ética foucaultiana, aquele que promove a genealogia da subjetividade ética, é a relação de si mesmo (*rappport à soi*)<sup>15</sup>. Conforme pode ser observado na obra *O cuidado de si*, a relação de si mesmo constitui tanto o termo de uma conversão (modificação na atitude) quanto o objetivo final

---

<sup>13</sup> FOUCAULT, *Les mots et les choses*, p. 339, nota de rodapé.

<sup>14</sup> FOUCAULT, *História da sexualidade: O uso dos prazeres*, pp. 26-31.

<sup>15</sup> FOUCAULT, Sobre a genealogia da ética: um trabalho de revisão. Entrevista concedida a H. Dreyfus e P. Rabinow, *Michel Foucault, uma trajetória filosófica*, Forense Universitária, 1995, p. 263.

das práticas de si; de modo que as práticas de si<sup>16</sup> definem o estilo com relação à própria atitude<sup>17</sup>. De fato, a proposta oferecida pelo pensador francês encaixa-se em um programa *êtho-poético* de autorrealização e autotransformação do indivíduo em sujeito moral, na medida em que a relação de si mesmo promove a genealogia da subjetividade ética, ou seja, as formas de subjetivação por meio de técnicas e práticas de si.

A subjetividade ética, portanto, deve tratar do modo pelo qual o indivíduo constitui a si mesmo como sujeito moral. Para tanto, Foucault concebe quatro aspectos da ética aplicados ao sujeito moral: *i)* a substância ética como maneira pela qual se deve constituir parte de si mesmo como matéria de conduta moral; *ii)* o modo de sujeição como maneira pela qual se estabelece relação com regras e se reconhece obrigado a praticá-las; *iii)* a elaboração ascética como exercícios efetuados para transformar a si mesmo em sujeito moral da própria conduta; e *iv)* a realização teleológica como conjunto de ações morais que tendem à autofinalização do sujeito moral. Pode-se admitir que a descrição desses quatro aspectos da ética constitui a estrutura pela qual é possível reconhecer a relação de si mesmo conforme o entendimento de Foucault<sup>18</sup>. A partir do critério da relação de si mesmo, é possível reconhecê-lo, de acordo com a interpretação de Foucault, como princípio ético assumido por Kant, em acordo com a já mencionada sentença: o ser racional que concebe a si mesmo a lei universal.

Contrariamente às éticas que julgam a conduta em vista das consequências, para a ética kantiana são os princípios da razão prática que direcionam a vontade. Para que os princípios de tal razão possam ser afirmados, Kant faz uma radical secção entre as inclinações em conformidade ao dever, e a ação por dever direcionada por princípios da própria razão. É por respeito a si mesmo que se estabelece um dever moral do agir a despeito das circunstâncias. Uma vez que a ação por dever corresponda ao respeito da própria vontade, tem-se a condição de possibilidade da lei moral. Esta relação de si mesmo instituída por Kant, na qual o sujeito moral concebe a si mesmo como legislador universal, não poderia existir de outro modo senão pela dignidade como um fim em si mesmo. A dignidade humana é uma condição única que pode aferir o fim em si mesmo que o sujeito moral deve almejar em respeito à humanidade, pois segundo Kant, “portanto a moralidade, e a humanidade enquanto capaz de moralidade, são as únicas coisas que têm dignidade”<sup>19</sup>. Dessa forma, a

---

<sup>16</sup> Práticas como: cuidado de si (*epiméleia heautoû*), conhecimento de si (*gnôthi seautón*), uso dos prazeres (*chrêsis aphrodision*), dizer-verdadeiro (*parrhesía*), entre outros termos, são exemplos pelos quais Foucault avalia práticas e técnicas constituídas por relações de si mesmo.

<sup>17</sup> FOUCAULT, *História da sexualidade: O cuidado de si*, pp. 63-70.

<sup>18</sup> Por essa estrutura pode-se compreender as éticas do uso dos prazeres na época da Grécia clássica e do cuidado de si na era dos Impérios latinos; ainda o que Foucault chama de uma ética da hermenêutica do desejo, referente à pastoral cristã dos séculos III-IV. Cf. FOUCAULT, *O cuidado de si*, p. 235.

<sup>19</sup> KANT, *Fundamentação da metafísica dos costumes*, p.77.

ética kantiana transforma o sujeito moral em legislador universal pela própria autonomia da vontade, e o modo como o faz depende apenas de uma relação de si mesmo.

Observado esse ponto, convém destacar que Kant confere uma nova acepção de ética ao pensamento da modernidade. Como ressalta Brochard, toda a moral antiga tem “com efeito, o objetivo proposto expressamente em todas as escolas filosóficas antigas, tanto na escola estóica como na de Epicuro ou de Platão, é alcançar a vida feliz. E a felicidade em questão é a felicidade da vida presente”<sup>20</sup>. A moral antiga trata de uma sabedoria de vida, a qual só pode ser executada pela filosofia. Com Kant, ao postular um reino dos fins para a humanidade, se altera o ponto de aplicação ética. A conduta para uma vida sábia é substituída pelo ideal regulador do dever ser; não mais uma exortação ao bem-viver, porém estabelecer princípios e deveres universais passa a ser a nova tarefa da ética proposta por Kant, ou seja, trata-se agora de realizar uma fundamentação.

Interessante notar que para a fundamentação da moral, Kant concebe o ser racional como modelo ético, pois este se encontra em liberdade às causalidades da natureza. Para justificar tal posição, Kant pressupõe a liberdade da vontade fundada em um mundo inteligível, pertencendo este último ao domínio da razão prática<sup>21</sup>. O ser racional é motivador para que a razão se torne prática, conquanto somente o ser racional seja princípio suficiente para o exame da vontade. E como todo ser racional é portador da dignidade humana, constitui o valor supremo da moralidade. Portanto, o ser racional assegura uma forma ética na qual o sujeito não se submete a nenhuma lei moral que não seja em relação a si mesmo. Percebe-se, por este raciocínio, que a ética kantiana, ao transformar o sujeito moral em legislador universal, institui um tipo de moral que não se contradiz, isto é, ao dar a si mesmo o princípio do dever moral, nenhum legislador universal deve obediência senão em relação a si mesmo.

Compreende-se, portanto, que a genealogia e a estrutura apresentadas em *O uso dos prazeres* endossa o comentário feito à moral kantiana em *Les mots et les choses*. O que habilita a moral kantiana a ser uma possibilidade na modernidade não advém do simples fato de que Foucault sugere Kant como inaugurador da *épistémè* moderna<sup>22</sup>; esse reconhecimento provém da compatibilidade do mesmo critério que ambos os autores utilizam para assinalar a ética, que Foucault define como relação de si mesmo.

---

<sup>20</sup> BROCHARD, “Moral antiga e moral moderna”, p. 136.

<sup>21</sup> KANT, Fundamentação da metafísica dos costumes, pp. 103-05.

<sup>22</sup> FOUCAULT, *Les mots et les choses*, 1966, p. 353: “A antropologia [leia-se kantiana] constitui talvez a disposição fundamental que comandou e conduziu o pensamento filosófico desde Kant até nós”.

## A obediência ao dever moral e a Crítica à *Aufklärung*

Uma ética como postulada por Foucault, ética da relação de si mesmo, coloca-se frente à pertinente questão da obediência<sup>23</sup>. Em relação à interpretação a Kant, esta questão é debatida por Foucault em *What is critique?*<sup>24</sup>, no qual o limite da obediência e o princípio da autonomia se relacionam em uma atitude crítica. Segundo Foucault, Kant relaciona a atitude crítica com a *Aufklärung* a partir de três pontos: *i*) o estado de menoridade da humanidade; *ii*) a incapacidade de servir-se do próprio entendimento; e *iii*) a saída dessa condição de obrigação à obediência. Isso em razão ao modo como Kant declara a situação do homem da modernidade:

*Aufklärung é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem para servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. Sapere aude!*<sup>25</sup>.

Neste excerto, percebe-se que a situação de menoridade do ser humano se deve à covardia de fazer uso do próprio entendimento, condenando à tutela e à comodidade. Nesse sentido, a ciência, o direito e a religião são exemplos de tutela da ação social. A obediência a este tipo de situação é denunciada por Kant: não raciocinai, mas obedecei<sup>26</sup>. Tal disposição à obediência é denominada por Kant de uso privado da razão; em contraponto, para que

---

<sup>23</sup> Ora, sabe-se que Michel Foucault, em *Surveiller et punir*, 1975, discute justamente a função do poder disciplinar na obediência (*douceur*) dos corpos, a partir do que Foucault identifica como modo de sujeição (*assujettissement*). Ainda, Cf. FOUCAULT, *O governo de si e dos outros*, p. 34-7.

<sup>24</sup> Trata-se de uma conferência realizada por Michel Foucault na *Société Française de Philosophie* em 1978 e postumamente publicado no *Bulletin de la Société française de Philosophie*, em 1984. Cf. FOUCAULT, “What is critique?”.

<sup>25</sup> KANT, “Resposta à pergunta: que é Esclarecimento?”, pp. 63-71. Trata-se de uma resposta à pergunta: *Was ist Aufklärung?*, proposta pelo jornal *Berlinische Monatschrift*, publicado em 05 de dezembro de 1783. Todavia, Kant já identifica na *Crítica da faculdade do juízo*, mesmo no contexto do entendimento humano comum, a elucidação de princípios que, a despeito de o ajuizamento do gosto, assinalam a agenda da *Aufklärung*: libertação da superstição chama-se esclarecimento: 1. Pensar por si; 2. Pensar no lugar de qualquer outro; 3. Pensar em acordo consigo próprio; estes princípios remetem, respectivamente, ao modo de pensar: livre de preconceitos, de maneira alargada e conseqüentemente. Cf. KANT, *Crítica da faculdade do juízo*, Forense Universitária, 2012, §40. Vale acrescer a crítica feita por Hannah Arendt sobre a *mentalidade alargada*, correspondendo ao potencial núcleo de uma filosofia política que Kant nunca desenvolveu. Cf. ARENDT, *Lições sobre a filosofia política de Kant*, Editora Relume Dumará, 1993.

<sup>26</sup> KANT, “Resposta à pergunta: que é Esclarecimento?”, 2013, p. 65.

uma ação se torne genuinamente moral necessita do uso público da razão, ou seja, pensar por si mesmo, fazer uso do próprio entendimento, e segundo a fundamentação da moralidade, agir por princípios universais da razão prática que possam ser admitidos de forma imperativa e categórica. O uso público da razão corresponde à maioria do esclarecimento, e diga-se, está vinculado ao projeto de emancipação social da modernidade. Oportunamente, nesse ponto, ressalva-se que Foucault estabelece uma distinção entre a crítica como projeto filosófico e a crítica como atitude, sendo esta última interpretação a qual lhe corresponde à *Aufklärung*. Assim, diz Foucault: “o que Kant descrevia como *Aufklärung*, é realmente o que eu [Foucault] tentei anteriormente descrever como crítica”<sup>27</sup>.

Essa interpretação radicaliza a noção proposta por Kant, na qual a fundamentação da moral se faz necessária para o projeto destinado à humanidade. Segundo Foucault, a atitude crítica não pode ser contida nos moldes de projetos filosóficos<sup>28</sup>. Como resultado, Foucault identifica na *Aufklärung* a “tentativa de desassujeitamento [*desubjugate the subject*] no contexto do poder e verdade”<sup>29</sup>. Ora, percebe-se como Foucault interpreta a Kant a partir de aspectos de seu próprio pensamento, de modo que a *Aufklärung* assume, por um lado, o tema central da atitude crítica de resistir à sujeição pela obediência; por outro lado, precisa lidar com os processos de subjetivação e os conteúdos do conhecimento científico presentes na modernidade.

Nesse sentido, vale observar a resolução encontrada por Kant. Foucault, em *Les mots et les choses*, comenta que a ética kantiana surge como uma posição intermediária<sup>30</sup> (*charnière*) na qual o ser racional concebe a si mesmo a lei universal. Trata-se, nesse caso, do modelo ético da filosofia de Kant. Não obstante, a interpretação da atitude crítica da *Aufklärung* permite identificar a articulação desse modelo ético junto a um modelo de um direito natural<sup>31</sup>, ou seja, para Foucault, Kant ratifica a necessidade de haver obrigações ao estilo de um código de leis, mesmo que seja pela obediência ao próprio uso da razão: “o uso público

---

<sup>27</sup> FOUCAULT, “What is critique?”, p. 8.

<sup>28</sup> Tal tentativa de inserir a *Aufklärung* em qualquer projeto filosófico é recusada por Foucault. O autor considera uma forma de ficção histórica que se entrelaça nas estruturas de racionalidades que articulam discursos sobre a verdade (objeto da investigação arqueológica), os mecanismos de sujeição aos quais estão vinculados (objeto de investigação genealógica). Cf. FOUCAULT, “What is critique?”, p. 55-6.

<sup>29</sup> FOUCAULT, “What is critique?”, p. 50. Nessa asserção, deve-se dizer, Foucault propõe um questionamento sobre a *Aufklärung* não como problema do limite do conhecimento, mas como problema do limite do poder, arte de não ser de tal modo governado diz o autor, de tal forma que o problema do poder realinha ao centro o problema do conhecimento.

<sup>30</sup> FOUCAULT, *Les mots et les choses*, p. 339, nota de rodapé.

<sup>31</sup> Por direito natural, entende-se que leis universais também são uma maneira que Kant encontra para limitar o excesso de poder e estar obrigado somente ao que todos devem estar.

e livre da razão autônoma será a melhor garantia de obediência, à condição, não obstante, de que o princípio político que há de se obedecer seja o mesmo conforme a razão universal”<sup>32</sup>.

A partir da interpretação à *Aufklärung* como atitude crítica, Foucault refuta a ideia de um projeto filosófico, tal como propõe a ética de Kant com a crítica da fundamentação dos costumes morais. Assim, definir o modo de ser em relação à obediência prestada à razão universal consiste em uma análise da verdade, isto é, determinar as condições de possibilidade em um projeto filosófico limita a própria atitude crítica que propõe<sup>33</sup>. Contudo, interessa observar que a noção de atitude não aparece somente em razão da interpretação a Kant, mas assume uma posição determinante na própria concepção de ética apresentada por Foucault. Isto significa considerar a importância de um exame sobre a própria ética que Foucault expõe, a fim de compreender como ela se relaciona com o entendimento que o autor possui da *Aufklärung*.

### A estética da existência como critérios de atitude

Pode-se distinguir duas possibilidades em relação à ética kantiana: uma fundamentação do ser racional, e nesse caso têm-se leis morais de valor universal; mas também uma atuação na maneira de pensar, dizer e agir, e nesse caso obtém-se a atualidade do modo de ser do homem. Este último viés é o que se aproxima da ética apresentada por Foucault, na qual a noção de atitude compõe um tema central de investigação que o autor empreende através das técnicas e práticas de si, que, mais do que atitudes críticas, são atitudes criteriosas.

Primeiramente, adverte-se que termos como artes e/ou técnicas de si, artes de viver, técnicas da existência, *tekhne tou biou*, são todas expressões do que pode-se denominar, nesse caso, de estética da existência. Portanto, estética da existência representa a própria ética apresentada por Foucault<sup>34</sup>. Como visto, a ética kantiana pretende associar o uso público da razão mediante o legislador universal. No entanto, a estética da existência tende mais a tratar de uma estilização da moral. Para tanto, deve-se examinar dois âmbitos que a ética foucaultiana permite: o âmbito da análise histórica e o âmbito da ontologia da atualidade.

No âmbito da análise histórica, a estética da existência inscreve-se no período greco-latino da antiguidade clássica e imperial. Nesse período, Foucault constata um conjunto de “práticas refletidas e voluntárias das quais os homens não somente fixam regras de conduta,

---

<sup>32</sup> FOUCAULT, “O que são as Luzes?”, p. 340.

<sup>33</sup> Isto é o que Foucault considera o aspecto negativo da interpretação da *Aufklärung*, o qual ele chama de *chantagem*: pensar que só se pode ser a favor ou contra a *Aufklärung*. Cf. FOUCAULT, “O que são as Luzes?”, p. 345.

<sup>34</sup> FOUCAULT, “Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho”, p. 283.

como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra de certos valores estéticos e que responda a certos critérios de estilo”<sup>35</sup>. Por estética da existência deve-se entender um modo de viver no qual o valor moral provém de certas recomendações gerais, práticas assumidas, limites observados e hierarquias respeitadas. Contudo, não se deve excluir dois aspectos fundamentais da estética da existência que a análise histórica revela. Trata-se, por um lado, da problematização empenhada por Foucault da relação de si mesmo através da sexualidade; quer dizer, Foucault coloca a conduta sexual como questão moral através de práticas de si<sup>36</sup>. Por outro lado, tais práticas de si exigem formas de austeridade, virilidade e comando da conduta sexual; nesse caso Foucault, ressalta que a moralidade da antiguidade é feita de homens, pelos homens e para os homens somente<sup>37</sup>. Não se trata, portanto, de recepcionar a estética da existência sem considerar o contexto no qual ela se insere. Foucault evita qualquer intenção, como a de Kant, de uma fundamentação acerca do que é o homem; ao invés, oferece o exame de práticas e técnicas de si que constituem a própria noção que o homem vem a conceber de si mesmo. Ressalva anotada, pretende-se, então, extrair os principais critérios constituintes da estética da existência.

O primeiro critério constituinte da estética da existência a ser considerado diz respeito à estilização. Trata-se de uma arte da relação que determina a modalidade adotada da relação de si mesmo e aponta para um tipo de experiência que precede a submissão às regras gerais; tal é a experiência moral orientada para ética, isto é, definida pelo estilo conferido à existência, pois segundo Foucault, a estética da existência opera “como um princípio de estilização da conduta para aqueles que querem dar à sua existência a forma mais bela e mais realizada possível”<sup>38</sup>. Desse modo, a estilização da existência permite certa determinação do sujeito moral através da modalidade do estilo acolhido na experiência da subjetividade ética.

Outro critério suscetível de menção refere-se à singularização da existência. Ao longo dos estudos que incluem a estética da existência, Foucault não rejeita que esta almeja apenas a singularização de um indivíduo ou de uma elite aristocrática, sem haver interesse em normatizar populações por princípios universais. Contudo, trata-se de um fenômeno de crescimento dos aspectos privados dos valores pessoais e interesse por si próprio; uma intensificação da relação de si mesmo pela qual o sujeito moral se constitui mediante as escolhas de seus próprios atos. A cultura de si, enquanto diversidade das formas da estética da existência, dispõe de categorias de singularização, tais como a atitude individualista, a

---

<sup>35</sup> FOUCAULT, *História da sexualidade: O uso dos prazeres*, p.15.

<sup>36</sup> FOUCAULT, *História da sexualidade: O uso dos prazeres*, p.217.

<sup>37</sup> FOUCAULT, *História da sexualidade: O uso dos prazeres*, p.46.

<sup>38</sup> FOUCAULT, *História da sexualidade: O uso dos prazeres*, p.85.

valorização da vida privada e a intensidade da relação de si mesmo<sup>39</sup>. Nesse sentido, compete conferir à atitude certos valores estéticos integrados à singularidade do indivíduo, correspondente à escolha pessoal, à eleição voluntária, ao fazer da existência objeto de um saber, uma arte e uma técnica<sup>40</sup>.

Por fim, tem-se o critério com maior desenvolvimento dado por Foucault: o cuidado de si<sup>41</sup>. As análises históricas de Foucault sugerem que o estilo do comportamento e a singularidade da existência seguem o princípio do cuidado de si que, em relação à estética da existência, fundamenta sua necessidade, comanda seu desenvolvimento e organiza suas práticas de si<sup>42</sup>. O princípio do cuidado de si apreende o preceito ético de um modo de ocupar, preocupar e elaborar a si mesmo verificável em diversas culturas ocidentais. Porém, o cuidado de si não constitui uma atividade isolada do indivíduo, nem empresta à singularidade um egoísmo intransponível; o cuidado de si constitui uma modulação intensificada da relação social, pois aponta Foucault que o cuidado de si “desenvolveu-se em procedimentos, em práticas e em receitas que eram refletidas, desenvolvidas e aperfeiçoadas e ensinadas; ele constituiu assim uma prática social, dando lugar a relações interindividuais”<sup>43</sup>. Em *A hermenêutica do sujeito*, Foucault reconhece o cuidado de si junto às elaborações ascéticas: práticas, atividades, exercícios, técnicas que têm por objetivo transformar, converter e libertar o indivíduo a fim de promover sua autoconstituição. Como afere Gros, tem-se com a concepção ascética da ética, uma compreensão na qual a subjetividade não é nem espontânea nem natural, mas uma conquista preparada pelo indivíduo que exige uma elaboração de si que inclua valores estéticos e interesses pessoais. Assim, Gros sintetiza a tese de Foucault: “no fundo, a tese de Foucault consiste em dizer: se existe mesmo um enunciado constitutivo da subjetivação antiga é o ‘cuida-te de ti mesmo’”<sup>44</sup>.

Esses critérios, que fazem parte da análise histórica realizada por Foucault, endossam a estética como valorização, apreciação e avaliação da existência que diverge da concepção de obediência à razão universal da moral de Kant. Nota-se que para Foucault, a estética trata mais de uma atitude: “essa atitude muito mais que os atos que se cometem ou os desejos que se escondem, dão base aos julgamentos de valor. Valor moral que é também valor de verdade, (...) ao respeitar a verdadeira hierarquia do ser humano”<sup>45</sup>. Se a ética kantiana prioriza a relação entre princípios e fins, então a ética apresentada por Foucault encontra preferência

---

<sup>39</sup> FOUCAULT, *História da sexualidade: O cuidado de si*, p. 48.

<sup>40</sup> FOUCAULT, “Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho”, p. 270.

<sup>41</sup> FOUCAULT, *A hermenêutica do sujeito*; obra na qual a noção do cuidado de si (*epiméleia heautoû*) assume o tema central de pesquisa.

<sup>42</sup> FOUCAULT, *História da sexualidade: O cuidado de si*, p. 49.

<sup>43</sup> FOUCAULT, *História da sexualidade: O cuidado de si*, p. 50.

<sup>44</sup> GROS, “O cuidado de si em Michel Foucault”, p. 129.

<sup>45</sup> FOUCAULT, *História da sexualidade: O uso dos prazeres*, p. 85.

na relação entre critérios e atitudes. Como resume Páez, a estética da existência parece conectar uma estilização que singulariza o cuidado de si<sup>46</sup>. Portanto, a estética da existência trata de um modo de ser a partir de critérios de atitude. Por isso, o cuidado de si constitui a noção fundamental do pensamento da antiguidade: a busca pela autorrealização. Isso contrasta com a interpretação efetua pela tradição, na qual o conhece-te a ti mesmo seria a tese principal pela qual a filosofia tem que se desenvolver<sup>47</sup>. A defasagem dos critérios de autorrealização do sujeito moral processada pelos pensadores modernos se consolida na tarefa de fundamentação junto às formas de subjetivação recorrentes a um sistema código-conduta.

No entanto, a análise histórica da estética da existência não exaure a compreensão possível que ela contém no pensamento de Foucault. Uma vez que critérios de atitude somente podem ser concebidos na atualidade da existência, a estética da existência pode ser reconhecida como *éthos*. Novamente, se encontra a interpretação da *Aufklärung* kantiana, agora no sentido de uma ontologia de nós mesmos.

### A atualidade da existência como ontologia de nós mesmos

Em tempo, a observação feita à ética kantiana e à análise histórica da estética da existência se complementa com interpretação que Foucault realiza sobre a *Aufklärung* como ontologia de nós mesmos. Isto não significa uma exegese literal de Kant, mas uma problematização concernente à atualidade da existência: o que acontece com quem é o homem atual?<sup>48</sup> No texto *O que são as Luzes?*<sup>49</sup>, Foucault reconhece Kant como um pensador da atualidade, de modo que contra qualquer determinação tradicional da *Aufklärung* como conjunto de marcas características de uma época, Foucault considera a *Aufklärung* um acontecimento<sup>50</sup> sobre o qual se pode pensar, dizer e agir, de modo que Foucault identifica a *Aufklärung* como sentido histórico do que deve ser pensado. Na interpretação do autor,

---

<sup>46</sup> PÁEZ, “Ética y prácticas sociales”, p. 92.

<sup>47</sup> Para esta conclusão parece conduzir as análises de Foucault em *Les mots et les choses*, na qual se reconhece o homem moderno como sujeito do conhecimento e objeto de si.

<sup>48</sup> FOUCAULT, *O governo de si e dos outros*, pp. 21-2. Cf. GROS, Foucault e a questão de quem somos nós?, pp. 175-78.

<sup>49</sup> FOUCAULT, “O que são as Luzes?”, pp. 335-51. Trata-se de uma conferência proferida na Universidade de Berkeley (USA), *What is Enlightenment?*, compilado por Paul RABINOW, *The Foucault's reader*.

<sup>50</sup> Em *O que são as Luzes?*, Foucault interpreta a *Aufklärung*, juntamente com a Revolução Francesa, a partir do sentido histórico do signo-acontecimento: signo-*rememorativum* que revela a disposição do presente desde a origem; signo-*demonstrativum* que mostra a eficácia presente dessa disposição; signo-*prognosticum* como resultado revelado dessa disposição do presente.

Kant define a *Aufklärung* sob o signo da diferença, na qual se busca compreender o presente em relação a si mesmo, isto é, na diferença que o agora introduz na existência.

Não obstante, faz-se pertinente observar a pretensão de Foucault: “considerando-o assim, estimo que se pode reconhecer nele [texto *O que são as Luzes?*] um ponto de partida: o esboço do que se poderia chamar de uma atitude da modernidade”<sup>51</sup>. Nesse sentido, percebe-se que Foucault restitui à *Aufklärung* elementos desenvolvidos em seu próprio pensamento, no qual uma atitude em relação à atualidade se conecta com a atitude em relação aos critérios pessoais. Assim diz Foucault: “por atitude quero dizer um modo de relação com a atualidade, uma eleição efetuada por alguns, assim como uma maneira de atuar e conduzir-se que tanto marca uma pertinência e se apresenta como tarefa”<sup>52</sup>. Como visto, esta concepção melhor define a estética da existência do que a ética do dever moral.

Entende-se que a interpretação da *Aufklärung* como acontecimento permite a Foucault inferir a atitude da modernidade como necessidade de uma avaliação sobre o modo de pensar, dizer e fazer. No entanto, tal tarefa não pode ficar apenas na intenção privada de uma lei moral pretensa ao universal. Já a estética da existência, que corresponde à disposição pela qual o indivíduo constitui a si mesmo, elabora sua própria subjetividade. Enquanto Kant pressupõe uma subjetividade já constituída que, então, concede para si mesma a norma de sua realização, Foucault investiga quais técnicas e práticas de si podem ser constituintes da subjetividade. Este giro na maneira de problematizar é fundamental para estabelecer o âmbito da ética entre Kant e Foucault; a mudança do sentido histórico conferido à *Aufklärung* promove também uma mudança na forma de subjetivação. Isso permite indicar a perspectiva da qual Foucault interpreta a *Aufklärung* como um acontecimento do modo de ser histórico e como atualidade do *êthos*:

Queria salientar a discussão que pode nos ligar, desta forma, a *Aufklärung* (...) a reativação permanente de uma atitude, isto é, de um *êthos* filosófico que poderia ser caracterizado como uma crítica permanente de nosso ser histórico. É este *êthos* que, muito brevemente, queria caracterizar<sup>53</sup>.

Caracterizar o *êthos* consiste em uma atitude crítica ao modo de pensar, dizer e fazer; consiste também em uma atitude experimental, quer dizer, da experiência da relação de si mesmo, o que para Foucault se realiza em uma ontologia histórica de nós mesmos.

Como visto, em *What is critique?*, Foucault explora o aspecto negativo da atitude crítica atribuída à obediência moral. Já em *O que são as Luzes?*, a atitude crítica se potencializa em

---

<sup>51</sup> FOUCAULT, “O que são as Luzes?”, p. 341.

<sup>52</sup> FOUCAULT, “O que são as Luzes?”, p. 341.

<sup>53</sup> FOUCAULT, “O que são as Luzes?”, p. 345.

uma reflexão e análise do próprio limite experimentado pelo sujeito. Nesse ponto, Foucault considera a arqueologia e a genealogia como atitudes críticas: uma crítica arqueológica que investiga a articulação dos discursos sobre o homem atual; e uma crítica genealógica que extrai das circunstâncias a possibilidade desse homem já não ser o que pensa ser atualmente<sup>54</sup>. Não obstante, a atitude experimental trata da elaboração efetiva nos limites acerca de nós mesmos que provêm, por um lado, das investigações históricas, por outro, da realidade da atualidade. Isso significa que a ontologia histórica de nós mesmos deve abandonar todos os projetos universais, e com isso a fundamentação kantiana; trata-se de transformações parciais feitas em correlação com análises históricas e atitudes práticas. Para Foucault, “caracteriza, portanto, o *êthos* filosófico próprio de uma ontologia crítica de nós mesmos como uma prova histórico-crítica dos limites que podemos atravessar e, por conseguinte, como elaboração de nós mesmos sobre nós mesmo em nossa condição de seres livres”<sup>55</sup>. Interessante notar, nesse momento, como se pode recuperar aspectos destacados previamente: a atitude experimental proposta na relação de si mesmo; a atitude crítica proposta pela resistência à obrigação da lei moral; e a atitude da modernidade como acontecimento da atualidade. Logo, dessas noções de atitude que estão presentes na interpretação à *Aufklärung* kantiana, e sendo a atitude constituinte da própria ética foucaultiana, tem-se a ética restituída à ontologia de nós mesmos.

Dessa maneira, a interpretação a Kant feita por Foucault perpassa o desenvolvimento de aspectos fundamentais pelos quais constrói sua concepção de ética. Na medida em que a análise histórica da estética da existência apresenta critérios de atitude que podem ser determináveis por meio de práticas e técnicas de si, ela lida com um modo de ser histórico. Não obstante, *Aufklärung* enquanto acontecimento da atualidade corresponde ao *êthos* da atitude crítica e experimental de si mesmo. Portanto, a ética foucaultiana pertence à ontologia histórico-crítica de nós mesmos. Enfim, entende-se que se deve a Kant o mérito de ter instituído: *i*) o pensamento sobre a ética possível na modernidade; *ii*) a atitude crítica contra a obediência; *iii*) e o *êthos* do acontecimento da atualidade. Mesmo assim, o modo como Foucault interpreta a *Aufklärung* possui fortes indícios de seu próprio pensamento em relação à filosofia de Kant. Nesse sentido, Foucault concebe a ética como estética da existência:

E se eu sei me interessar pela Antiguidade, é que, por toda uma série de razões a ideia de uma moral como obediência a um código de regras está em processo, presentemente, de desaparecimento; já desapareceu. E a essa

---

<sup>54</sup> FOUCAULT, “O que são as Luzes?”, p. 348.

<sup>55</sup> FOUCAULT, “O que são as Luzes?”, p. 348.

ausência de moral, responde, deve responder, uma busca de uma estética da existência<sup>56</sup>.

Como visto, a análise histórica da estética da existência complementa a ontologia da atualidade. A estética da existência constitui fundamentalmente um *êthos*, uma eleição voluntária do modo de ser. Tal modo de ser não pode prescindir da experiência de si mesmo (*soi*), de atitudes e critérios pelos quais a subjetividade se constitui em sujeito moral. A interpretação da *Aufklärung* como um acontecimento da atualidade, na qual Foucault reconhece sua própria filosofia, institui a estética da existência como uma busca que corresponde à compreensão sobre a ética que o autor atribui a uma ontologia de nós mesmos: o que acontece com quem é o homem atual. É nesse sentido, portanto, que pode-se reconhecer que Foucault compreende a ética como estética da existência.

### Considerações finais

Não se esclarece facilmente a influência que a filosofia de Kant exerceu sobre o pensamento de Foucault, sobretudo no que concerne à ética. Porém, vale considerar como a interpretação a Kant realizada por Foucault contém temas que seu próprio pensamento buscou desenvolver, como a passagem de uma atitude crítica à *Aufklärung* para uma atitude enquanto *êthos* do acontecimento da atualidade. Nesse ponto, pode-se observar como a estética da existência se apresenta quando pensada a partir da dificuldade colocada por Foucault, de que para a modernidade não há moral possível. Tal dificuldade consiste em conciliar a elaboração de si mesmo sob leis universais. Consequentemente, a partir da definição dada por Foucault sobre a moral e a ética, nota-se que Kant apresenta uma proposta ética híbrida que pretende comportar o ser racional como modelo ético e a lei universal como modelo do direito natural, deduzindo a conduta ao estilo de uma obrigação a si mesmo. A afirmação de Foucault de que “foi por se ter construído o ser humano como objeto de um saber possível que, em seguida, desenvolveram-se todos os esquemas morais do humanismo contemporâneo”<sup>57</sup>, acomete a Kant, pois este pressupõe certa aceção de homem dado a se desenvolver em uma situação ideal, e por isso incide, também, na sujeição antropológica da moral.

Nesse sentido, a recorrência à *Aufklärung* revela-se produtiva. Pela interpretação da *Aufklärung* como acontecimento do atual e como atitude crítico-experimental, nota-se como a estética da existência reúne as características compatíveis entre o que Foucault entende por

---

<sup>56</sup> FOUCAULT, “Uma estética da existência”, p. 288.

<sup>57</sup> FOUCAULT, “O homem está Morto?”, p. 152.

ética e sua interpretação da *Aufklärung*. A ética como estética da existência se define por uma relação de si mesmo, na qual a subjetividade designa a experiência de si mesmo. Uma subjetividade ética que se constitui através de critérios de atitudes, tais como estilo da relação de si mesmo, singularidade da existência e o cuidado de si, prioriza a escolha pessoal. No entanto, este modo de ser se mantém histórico e envolve práticas e técnicas de modificação do comportamento na experiência de si mesmo. Embora Foucault inscreva a análise histórica da estética da existência no período greco-latino, o autor nega qualquer retorno ao pensamento antigo como alternativa para a atualidade da existência que nós mesmos somos<sup>58</sup>. Esta abertura à atualidade encontra a dimensão ontológica no *êthos*, isto é, autorrealização da própria existência que não seja sustentada por valores transcendentais ou condicionada por leis universais. À medida que a ética se recolhe ao *êthos* da existência, ela deve reconhecer e reportar à ontologia. Por fim, esta ontologia se torna a condição de possibilidade radicalizada do pensamento de Foucault:

Três domínios da genealogia são possíveis. Primeiro, uma ontologia histórica de nós mesmos em relação à verdade através da qual nos constituímos como sujeito de saber; segundo, uma ontologia histórica de nós mesmos em relação à um campo de poder através do qual nos constituímos como sujeitos de ação sobre os outros; terceiro, uma ontologia histórica em relação à ética através da qual nos constituímos como sujeitos morais<sup>59</sup>.

Desse modo, como já observado por meio da genealogia e estrutura da subjetividade ética, pode-se entender a pretensão de Foucault de conceber à ética a forma de uma estética da existência: “a ideia da *bios* [existência] como material para uma peça de arte estética me fascina”<sup>60</sup>, confirma o autor. A atualidade da estética da existência como possível forma para a ética é reconhecida por Foucault em movimentos culturais como a Renascença e o Dandismo<sup>61</sup>.

---

<sup>58</sup> FOUCAULT, “El retorno de la moral”, p. 391.

<sup>59</sup> FOUCAULT, “Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho”, p. 262. A mesma intenção encontra-se no comentário de Pradeau: “Foucault não tinha como objetivo um interesse pelos gregos enquanto tais; seu interesse era traçar uma genealogia capaz de servir à elaboração de uma ética contemporânea”. Cf. PRADEAU, “O sujeito antigo de uma ética moderna”, p. 145.

<sup>60</sup> FOUCAULT, *Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho*, 1995, p.260.

<sup>61</sup> Foucault menciona os trabalhos de J. Burckhardt (*A cultura do renascimento na Itália*), S. Greenblatt (*Renaissance self-fashioning*) e P. Hadot (*Exercícios espirituais e filosofia antiga*) como contribuições que destacam a importância desses movimentos na história do pensamento ocidental. Por fim, sobre a pertinência da estética da existência na atualidade em relação à amizade, Cf. ORTEGA, *Amizade e estética da existência em Foucault*; em relação à identidade, Cf. GROS, *Foucault e a questão de quem somos nós?*.

A ontologia de nós mesmos surge, então, com uma condição de possibilidade para a transformação das sujeições antropocêntricas, já denunciadas em *Les mots et les choses* e *Surveiller et punir*, a partir do foco na experiência de si mesmo<sup>62</sup> (*soi*). Não obstante, a interpretação dada a Kant por Foucault contribui para essa intenção: fazer desse acontecimento da atualidade uma ontologia na medida em que a atitude crítica à *Aufklärung* pode se referir à atitude do *éthos*, o que faz com que seja considerado os critérios de uma estética da existência. Isto corresponde à atitude na qual a subjetividade pode ser conquistada, na qual a estética da existência não produz um modo de ser completamente livre, mas altamente indeterminado. Como Foucault se identifica vinculado à tradição kantiana da ontologia de nós mesmos, também dirige sua questão ao sujeito moderno: o que acontece com quem é o homem da atualidade? Uma ética do dever moral que tenha intenção universal parece catastrófica na opinião de Foucault<sup>63</sup>. Em resposta à *Aufklärung*, Foucault propõe uma ética como estética da existência.

## **ETHICS, AESTHETICS, EXISTENCE: FOUCAULT'S INTERPRETATION TO KANT (WHAT IS *AUFKLÄRUNG*?)**

Abstract: The aim of this article is to analyze Foucault's interpretation with regard to Kant discourse on ethics. Therefore, points out the relationship between the Kantian ethics and conception of ethics considered by Foucault. Thus, can be observed to what extent the *Aufklärung* interpretation is presents the development of Foucault's thought, which suggests that an ethical such as aesthetics of existence with regard to what happens to our present.

Key-words: Foucault – Kant – ethics – Aesthetics of existence – *Aufklärung*.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARENDT, Hannah. *Lições sobre a filosofia política de Kant*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.

BROCHARD, Victor. "Moral antiga e moral moderna". In: *Cadernos de ética e filosofia política*, vol. 08, n° 01, 2006, pp. 136-46.

FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

---

<sup>62</sup> FOUCAULT, *O governo de si e dos outros*, pp. 06-07.

<sup>63</sup> FOUCAULT, "El retorno de la moral", p. 391.

\_\_\_\_\_. “El retorno de la moral”. In: *Ética, estética y hermenéutica*. GABILONDO, Ángel (org.). Buenos Aires: Ediciones Paidós Ibérica, 1999.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade II: O uso dos prazeres*. Trad. Maria Theresa da Costa Albuquerque; José A. G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade III: O cuidado de si*. Trad. Maria Theresa da Costa Albuquerque; José A. G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. *Les mot et les choses: une archéologie des sciences humaines*. Paris: Éditions Gallimard, 1966. Versão Brasileira: *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. *O governo de si e dos outros: curso no Collège de France (1982-83)*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. “O homem está morto?”. In: *Arte, epistemologia, filosofia e história da medicina*. Coleção Ditos & Escritos, vol. VII. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011, pp. 138-144.

\_\_\_\_\_. “O que são as Luzes”. In: *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Coleção Ditos & Escritos, vol. II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005, pp. 335-351.

\_\_\_\_\_. “Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho”. In: *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenéutica*. DREYFUS, H. L.; RABINOW, P (orgs.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

\_\_\_\_\_. “Uma estética da existência”. In: *Ética, sexualidade e política*. Coleção Ditos & Escritos, vol. V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

\_\_\_\_\_. “What is critique?”. In: *Politics of the truth*. LONTRINGER, Sylvène (org.). Los Angeles: Semiotext, 2007, pp. 41-81.

GROS, Frédéric. “Foucault e a questão de quem somos nós? (Foucault and the question of Who are we?)”. In: *Tempo Social*, Revista Sociologia USP, São Paulo, 7(1-2),1995, pp. 175-78.

\_\_\_\_\_. “O cuidado de si em Michel Foucault”. In: *Figuras de Foucault*. RAGO, Margareth; VEIGANETO, Alfredo (orgs.). Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

KANT, I. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Lisboa: Edições 70, 2007.

\_\_\_\_\_. “Resposta à pergunta: Que é ‘Esclarecimento?’ [*Aufklärung*]”. In: *Textos seletos*. 6ª ed.. Petrópolis: Vozes, 2013.

ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

PÁEZ, Alicia. “Ética y prácticas sociales”. In: *Foucault y la ética*. 4ª ed. ABRAHAM, Thomas (org.). Buenos Aires: Ediciones Letra Buena, 1992.

PRADEAU, “O sujeito antigo de uma ética moderna”. In: *A coragem da verdade*. GROS, F. (org.). Parábola Editorial, 2004.